

JAZZ

10 SETEMBRO 2016

CICLO "JAZZ +351"

COMISSÁRIO: PEDRO COSTA

# André Santos Trio

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

***Culturgest***



Guitarra André Santos Contrabaixo Matt Adomeit Bateria Tristan Renfrow

Sáb 10 de setembro  
21h30 · Pequeno Auditório · Duração: 1h · M6

## Para haver mais sol

O grupo que ora se revela na Culturgest e o disco que desta forma se testa ao vivo resultam da passagem de André Santos por Amesterdão entre 2014 e o presente ano (com um interregno em Filadélfia, graças a um programa de intercâmbio), quando aí esteve a fazer um mestrado. Tudo, neles, reflete esse recente período da vida do jovem músico, e inclusive o nome que o projeto adotou, Vitamina D. Foi difícil o primeiro Inverno aí vivido: face à falta de sol, pretendeu o guitarrista criar uma música que reproduzisse as características vitais que definem o seu país de origem e a ilha atlântica onde nasceu, a Madeira – mesmo que para compor algo de “solarengo” tivesse de se fechar em casa, entre aulas. Quando estamos diante de uma instrumentação de guitarra elétrica, contrabaixo e bateria que muitas vezes se torna explosiva, ficamos tentados a considerá-lo como um *power trio*, mas no entender de André não é este o caso: «Trata-se, de facto, de um trio e tem *power*, mas a música que tocamos vai bastante mais além do que aquilo que esse conceito significa e que, verificando bem, não sei o que é», comenta.

Os restantes dois membros deste trio com *power* que não é um *power trio* conheceu-os André Santos na capital holandesa, e não propriamente no meio académico. Descobriu-os nas *jam sessions* que foi frequentando pelos clubes de jazz da cidade. «Com Tristan Renfrow isso aconteceu logo no meu primeiro mês em Amesterdão, e tivemos

uma química imediata. É um baterista louco e controverso, mas infinitamente musical. É um daqueles músicos que, toques o que toques (bonito, feio, rápido, lento, frenético ou sereno), ele dará sempre sentido ao que fazes, e isso proporciona uma sensação de liberdade incrível. Ao mesmo tempo, dá-te pontapé no rabo para nunca relaxares. Fiquei com vontade de continuar a trabalhar com ele. Matt Adomeit veio mais tarde. É um contrabaixista incrível, que começou pelo bandolim e tem uma ligação forte ao *folk* americano. A principal razão que me levou a chamá-lo foi o facto de fazer uma dupla rítmica muito poderosa com o Tristan. É versátil, toca igualmente bem *pizzicato* e arco, e tanto estruturas livres como mais delineadas. Além disso, é muito sensato e garante-me um equilíbrio perfeito com a loucura do Tristan.»

A faceta *folk* de Adomeit, bem como o interesse do próprio André Santos pela música popular de Portugal, e em especial a da Madeira, estão muito presentes nestes Vitamina D. Essa marca chega a ser tão determinante quanto a do rock, pelo que não será por acaso que no alinhamento deste concerto, entre os originais do líder, possa surgir um tema de Carlos Paredes como *Verdes Anos* ou o *In Bloom* dos Nirvana. «Incluo nas minhas composições qualquer elemento musical que me atraía. Não há discriminação nem exclusão; tudo o que me atrai é aceite e acaba por aparecer de uma forma ou de outra. O disco que vamos apresentar está marcado por essa bipolaridade musical, com mudanças bruscas de dinâmicas e andamentos.

Tanto tocamos pianinho como muito, muito forte!», promete.

O híbrido de jazz, folk e rock que vamos ouvir não tem quaisquer vínculos com a estética de fusão firmada na década de 1970: «Acho, até, que está muito distante, especialmente a nível sonoro. O som da banda é sempre muito cru e maioritariamente acústico. Uso alguma eletrónica, mas não sou fã daquele som artificial (*chorus*, *synths* & etc.) que se utilizava naquela época. Atrai-me mais o tipo de som vibrante de guitarristas como Jim Hall, Derek Bailey, Marc Ribot e Mary Halvorson.»

Na maneira como manipula a guitarra, seja em termos técnicos como de vocabulário, poderá até haver ecos das pesquisas que fez de três cordofones da tradição madeirense, a braguinha, o rajão e a viola de arame, tema aliás da sua tese de mestrado no Conservatório de Amesterdão. «Esse estudo partiu de uma necessidade extrema de saber mais sobre a minha cultura. Como madeirense orgulhoso que sou, há já alguns anos que tinha na mente a ideia de que, como guitarrista, fazia todo o sentido explorar esses instrumentos e tentar acrescentar algo da minha visão musical a esse mundo. Aprendi muito, principalmente com a gente mais antiga, que encara a música de modo despretenhoso mas profundo. Ainda é cedo para descobrir com clareza que influências essa dedicação me deixou, mas não de, com certeza, pairar sobre a minha música», admite.

Para a crueza musical pretendida por André Santos contribui igualmente o fator improvisação, que predomina

sobre a escrita: «Os meus temas são maioritariamente simples, relativamente fáceis de decorar e com muitas vias abertas. São temas com melodias ou *riffs* [padrões rítmicos repetitivos] fortes, mas a minha postura é de total liberdade quanto à interpretação dos mesmos. Cada um dos músicos dos grupos que dirijo pode fazer com eles o que lhe der na real gana, pois sei que havemos de chegar a bom porto.»

A maior referência guitarrística de André é a do seu irmão Bruno Santos, cujas pisadas vem seguindo e com o qual mantém, inclusive, o quarteto Mano a Mano. E no entanto, tem uma abordagem manifestamente diferente: «O Bruno é, de facto, uma peça fulcral na minha evolução. Deu-me a motivação e mostrou-me o rigor que preciso de ter, mas nunca me forneceu respostas óbvias, de modo a incitar a minha busca. Nunca pensei que teria de soar de maneira diferente da dele, mas o certo é que temos ambos personalidades fortes e distintas, pelo que percorremos caminhos diversos. Achei muito curiosa a afirmação do Tristan quando ouviu pela primeira vez Mano a Mano: “Vocês dizem a mesma coisa por palavras diferentes.” Acertou em cheio!»

Entre as demais influências de guitarristas, além das já referidas, André aponta as de Ben Monder e Tom Morello, da banda de rock Rage Against the Machine. Outros portugueses com quem tem convivido de perto, além de Bruno Santos, o sensibilizaram, e designadamente André Matos, André Fernandes, Afonso Pais e, fora do âmbito jazzístico, Norberto Lobo. Preza

ainda a música brasileira, em especial João Gilberto, João Bosco, Toninho Horta, Guinga e Lula Galvão. Tudo isso está patente nos acordes que toca e nas partituras que escreve: «Gosto de muita coisa e não sou organizado a ouvir discos ou a explorar um músico. Não recuso nem fujo de nada, aceito tudo e essas influências todas vão aparecendo de forma natural. Julgo que uma vantagem minha é não ser um virtuoso do instrumento. Por muito que tente imitar os meus monstros sagrados, sai sempre outra coisa», confessa.

Eis, então, um concerto e um disco que, à superfície, são sobre a falta de sol que há em Amesterdão, «o bode expiatório para todas as arrelias» que André Santos sentiu enquanto lá esteve, «desde saudades a dúvidas existenciais». A um nível mais interiorizado acabamos por descobrir que em causa está, na verdade, a «ligação muito forte com a luz do dia existente em Portugal» deste guitarrista. Algo de bem mais positivo, dado que a melhor Vitamina D é a que não vem dentro de um frasco, entrando-nos pela pele. E no entanto, foi necessário passar por essa experiência para que esta música surgisse, como se a privação do sol fosse a condição para haver mais sol.

Rui Eduardo Paes  
Ensaísta, crítico de música,  
editor da revista *online jazz.pt*

## André Santos

guitarra

Natural da Madeira, André Santos é hoje unanimemente considerado um dos mais importantes guitarristas da cena nacional do jazz, motivo pelo qual tem sido convidado para uma grande variedade de projetos, junto de Demian Cabaud, Sara Serpa, Jeffrey Davis, António Quintino, Gonçalo Marques ou inserido na Orquestra de Jazz do Hot Clube de Portugal, na Orquestra Jazz de Matosinhos ou nos L.A. New Mainstream. Mantém um duo de guitarras com o seu irmão Bruno Santos, Mano a Mano. Fez a sua formação no Conservatorium van Amsterdam e na Temple University de Filadélfia, cidade norte-americana onde teve oportunidade de estudar e tocar com músicos como Ben Monder e Chris Cheek.

## Matt Adomeit

contrabaixo

Americano de nascimento, mas atualmente a residir em Amesterdão, o contrabaixista Matt Adomeit utiliza nas suas composições e na forma de tocar elementos da sua formação tripartida em música clássica, jazz e folk, tendo como segundo instrumento o bandolim. Licenciou-se no Oberlin College and Conservatory e tirou o mestrado no Conservatorium van Amsterdam. Está envolvido em diversos agrupamentos europeus, com destaque para Steel Sheep, Morgan Freeman (em homenagem ao ator de cinema com o mesmo nome) e Xavi Torres Trio.

## Tristan Renfrow

bateria

Também residente na Holanda e nascido nos Estados Unidos da América, o baterista Tristan Renfrow vem desenvolvendo a sua atividade como músico numa grande pluralidade de tendências do jazz, indo do *mainstream* à vanguarda. Tocou com figuras como Bobby McFerrin, Geoff Keezer, Conrad Herwig, Gerald Clayton, Ben van Gelder, Reinier Baas e Julie Spencer a pertenceu ao Het Nieuw Ensemble e à Milwaukee Symphony Orchestra. Fez estudos clássicos de percussão e de bateria jazz na Lawrence University, tendo Bill Carrothers sido um dos seus mestres.

## Próximo espetáculo

# Andrea dos Guimarães

## Desvelo

**Música** Sáb 17 de setembro

Grande Auditório · 21h30 · Duração: 1h · M6

**Voz e piano** Andrea dos Guimarães

Andrea dos Guimarães nasceu em Minas Gerais, radicou-se em São Paulo, começou a estudar piano clássico muito nova, com a sua mãe. O seu pai foi a sua primeira inspiração no canto. Bacharel em Música Popular e Mestre em Música pela Universidade Estadual de Campinas, é professora universitária.

Há 14 anos que integra o trio Conversa Ribeira, que se dedica à música caipira (a do centro-sul do Brasil, principalmente do interior dos estados de São Paulo e Minas), e de 2007 a 2013 fez parte do Garimpo Quarteto, banda de música improvisada.

Decidiu gravar um disco a solo, porque tinha vontade antiga de cantar acompanhando-se ao piano. Financiou-se através de *crowdfunding*, e gravou em estúdio o álbum *Desvelo*, lançado no Brasil em 2015. Também esteve em Portugal e Espanha numa



© Omar Paixão

discreta e curta digressão de lançamento do disco que, em Lisboa, a levou ao Hot Club e ao café bar Duetos da Sé. O concerto desta noite também se constrói em torno do *Desvelo*.

Andrea interpreta, com voz suave e arranjos delicados, canções muito conhecidas – *Começar de Novo*, *Retrato em branco e preto*, *Acalanto* ou *Ela desatinou* – de compositores e letristas como Ivan Lins, Tom Jobim, Chico Buarque, Milton Nascimento, Edu Lobo, mas também músicas suas ou mesmo uma de Björk.

Interpretações de uma aparente simplicidade, mas muito sofisticadas, de uma grande sensibilidade, que nos fazem ouvir com outros ouvidos temas que sabemos de cor.

### Conselho de Administração

#### Presidente

Álvaro do Nascimento

#### Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

#### Assessores

##### Dança

Gil Mendo

##### Teatro

Francisco Frazão

##### Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

### Serviço Educativo

Raquel Ribeiro dos Santos

João Belo

### Direção de Produção

Margarida Mota

### Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso de Lemos

Jorge Epifânio

### Exposições

#### Coordenação de Produção

Mário Valente

#### Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

### Culturgest Porto

Susana Sameiro

### Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Bruno Pereira

### Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

### Atividades Comerciais

Catarina Carmona

Patrícia Blázquez

### Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

### Direção Técnica

Paulo Prata Ramos

### Direção de Cena e Luzes

José Rui Silva

### Assistente de Direção Cenotécnica

José Manuel Rodrigues

### Audiovisuais

Américo Firmino (coord.)

Ricardo Guerreiro

Suse Fernandes

### Iluminação de Cena

Fernando Ricardo (chefe)

Vítor Pinto

### Maquinaria de Cena

Nuno Alves (chefe)

Artur Brandão

### Técnico Auxiliar

Vasco Branco

### Frente de Casa

Rute Sousa

### Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

### Receção

Sofia Fernandes

### Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

### Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Miguel Caissotti

Lúcia Marques

Maria Manuel Conceição

Edifício Sede da CGD · Rua Arco do

Cego nº50, 1000-300 Lisboa

21 790 51 55 · www.culturgest.pt